

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
GOIANO
CAMPUS MORRINHOS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

SABRINA SOARES NUNES

**O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS COMO FERRAMENTA PARA O
LETRAMENTO EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

MORRINHOS

2021

SABRINA SOARES NUNES

**O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS COMO FERRAMENTA PARA O
LETRAMENTO EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano Campus Morrinhos como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada.

. Orientadora: Prof. Me. Ilma Celia de Paiva Moura.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/IF Goiano Campus Morrinhos

N972u Nunes, Sabrina Soares.

O Uso dos gêneros textuais como ferramenta para o letramento em aulas de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos. / Sabrina Soares Nunes. – Morrinhos, GO: IF Goiano, 2021.
46 f.

Orientadora: Ma. Ilma Célia de Paiva Moura.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal Goiano Campus Morrinhos, Licenciatura em Pedagogia, 2021.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Letramento. 3. Língua portuguesa. I. Moura, Ilma Célia de Paiva. II. Instituto Federal Goiano. III. Título.

CDU 374.7

Fonte: Elaborado pela Bibliotecária-documentalista Morgana Guimarães, CRB1/2837

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES
TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Sabrina Soares Nunes

Matrícula: 2016104221310063

Título do Trabalho: O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS COMO FERRAMENTA PARA O LETRAMENTO EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 05/11/2021

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Morrinhos, 05 / 11 / 2021.
Local Data

Sabrina Soares Nunes

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 13/2021 - CCEPTNM-MO/CEPTNM-MO/DE-MO/CMPMHOS/IFGOIANO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Ao(s) 10 dia(s) do mês de outubro de 2021 , às 20 horas e 47 minutos, reuniu-se via reunião no Google Meet, endereço: <https://meet.google.com/hjw-ytwf-mcn> a banca examinadora composta pelos docentes: Prof. Ma. Ilma Célia de Paiva Moura (orientadora), Prof. Ma. Dayanny Marins Coelho(membro), Prof. Dr. Ronaldo Elias Borges(membro), para examinar o Trabalho de Curso intitulado “**O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS COMO FERRAMENTA PARA O LETRAMENTO EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**” do(a) estudante SABRINA SOARES NUNES, Matrícula nº 2016104221310063 do Curso de PEDAGOGIA do IF Goiano – Campus MORRINHOS. A palavra foi concedida ao(a) estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição do(a) candidato pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO do(a) estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

(Assinado Eletronicamente)

Prof.ª Ma. Ilma Célia de Paiva Moura

Orientador(a)

(Assinado Eletronicamente)

Prof.ª Ma. Dayanny Marins Coelho

Membro

(Assinado Eletronicamente)

Prof. Dr. Ronaldo Elias Borges

Membro

Observação:

() O(a) estudante não compareceu à defesa do TC.

Documento assinado eletronicamente por:

- Dayanny Marins Coelho, Dayanny Marins Coelho - Professor Avaliador de Banca - Instituto Federal Goiano - Campus Morrinhos (10651417000330), em 04/11/2021 16:29:08.
- Ronaldo Elias Borges, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/11/2021 15:55:59.
- Ilma Celia de Paiva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/11/2021 15:42:50.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 03/11/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 325491
Código de Autenticação: 796e11dd0d



INSTITUTO FEDERAL GOIANO
Campus Morrinhos
Rodovia BR-153, Km 633, Zona Rural, None, MORRINHOS / GO, CEP 75650-000
(64) 3413-7900

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente aos meus pais que são as pessoas mais importantes na minha vida e sempre me apoiaram e me ensinaram e ser quem sou a ter garra e determinação. Agradeço também a todos os professores que passaram pela minha formação e me ajudaram a chegar até aqui e, em especial a minha orientadora que não mediu esforços para concluirmos esse trabalho com êxito.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Aos meus pais Marcelo Nunes e Cláudia Soares da Silva, ao meu irmão Samuel, meu esposo Vitor e toda minha família que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos professores, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

À professora Ilma Célia de Paiva Moura, pelo incentivo e companheirismo na elaboração deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho é resultado de um levantamento bibliográfico em livros e artigos científicos, com o intuito de buscar alternativas que possibilitem o ensino de Língua Portuguesa de forma satisfatória e produtiva para os alunos da EJA. Teve como objetivo auxiliar a formação continuada de professores para que promovam práticas pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento do letramento por meio dos gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A ênfase do letramento recai nas práticas que partam da realidade dos educandos e que auxiliem na formação de sua Autonomia. Para isso, é necessário que as aulas de Língua Portuguesa sejam fundamentalmente por meio dos gêneros textuais, atribuindo assim sentido e significado contextual para as diferentes situações de comunicação do aluno da EJA. Nesse movimento de ensino-aprendizagem, nosso trabalho pedagógico, pautou no discurso dos principais sujeitos envolvidos, professores e alunos, aproximando-os do ensino de gêneros textuais voltados à realidade vivenciada pelos discentes, tornando assim uma aprendizagem significativa que ensina ao adulto por meio de mecanismos que despertem o interesse e a aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa. Desse modo, a escola promove um espaço de interação do aluno com a realidade social com o objetivo de trazer à tona a formação de indivíduos letrados, autônomos e capazes de compreender criticamente as realidades sociais.

Palavras-chave: EJA. Gêneros Textuais. Letramento. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The present work is the result of a bibliographical survey in books and scientific articles, in order to seek alternatives that enable the teaching of Portuguese Language in a satisfactory and productive way for EJA students. Its objective was to assist the continuing education of teachers to promote pedagogical practices that help in the development of literacy through textual genres in Portuguese Language classes in Youth and Adult Education (EJA). The emphasis of literacy falls on practices that depart from the students' reality and that help in the formation of their autonomy. For this, it is necessary that the Portuguese language classes are fundamentally through textual genres, thus attributing sense and contextual meaning to the different communication situations of the EJA student. In this teaching-learning movement, our pedagogical work was based on the discourse of the main subjects involved, teachers and students, bringing them closer to the teaching of textual genres focused on the reality experienced by students, thus making a meaningful learning experience that teaches adults through mechanisms that arouse interest and learning in Portuguese language classes. In this way, the school promotes a space for the student to interact with social reality with the aim of bringing to light the formation of literate, autonomous individuals capable of critically understanding social realities.

Keywords: EJA. Textual genres. Literacy. Portuguese language.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: ALGUMAS DISCUSSÕES....	10
2.1 TRATAR OS DESIGUAIS COM IGUALDADE.....	13
2.2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA: UM PROJETO PARA UM PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM MAIS SIGNIFICATIVO.....	15
2.3 LEITURA E ESCRITA.....	18
2.4 LEITURA E ESCRITA NA EJA.....	22
3. LETRAMENTO.....	27
3.1 CONCEITO.....	27
3.2 LETRAMENTO NA EJA.....	29
4. GENÊROS TEXTUAIS.....	33
4.1 GENÊROS TEXTUAIS NA EJA.....	34
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

1. Introdução

A educação, em todas as suas modalidades de ensino, vem exigindo novos paradigmas pedagógicos. No entanto, alunos e professores vivenciam um grande embate, por um lado buscam se adaptar, por outro, apresentam resistência para aceitar o novo. É interessante destacar que uma das lutas constantes é inserir a escola na realidade do aluno, para que ele sinta que a escola é uma extensão da sociedade, que exerce influência sobre ela e que por ela é influenciada. Mas, infelizmente, o que se observa, quase sempre, é uma escola à parte dessa realidade. Enquanto, o mundo progride de forma tão acelerada, que o novo de ontem já é ultrapassado hoje; o novo na escola, muitas vezes, não tem nem espaço. Assim, as teorias e as propostas de práticas inovadoras ficam no âmbito acadêmico, não chegam à sala de aula.

Pretende-se, portanto, levar as discussões acadêmicas para a práxis da escola, defendendo a ideia do professor como pesquisador da sua própria prática pedagógica.

O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32-33).

Então, com o intuito de atuar como um professor pesquisador, os problemas constatados em sala de aula – em turmas da modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA) –, tais como evasão, dificuldades didáticas devido à heterogeneidade da faixa etária dos alunos, motivaram a pesquisa sobre “O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS COMO FERRAMENTA PARA O LETRAMENTO EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS”.

Por isso, a proposta dessa pesquisa é buscar alternativas que possibilitem o ensino de Língua Portuguesa de forma satisfatória e produtiva para os alunos da EJA, cujo “resultado esperado é o desenvolvimento do potencial comunicativo do aluno, e o conseqüente fortalecimento de sua capacidade cidadã na sociedade moderna, essencialmente letrada” (KLEIMAN e SEPULVEDA, 2014, p. 11).

Assim, o que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a sua prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos

e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46).

Em busca de novas estratégias, investigar como os gêneros textuais podem favorecer o letramento em Língua Portuguesa na EJA para que sejam cidadãos participativos na sociedade em que estão integrados. Por conseguinte, pretende-se promover o letramento em Língua Portuguesa, simultaneamente, entre jovens e adultos, considerando todos os letramentos que os alunos já possuem, pois:

Quando um jovem ou um adulto frequenta um curso de EJA, traz consigo uma história de leitura de mundo bastante diferente daquela da criança que chega à escola formal. Isso significa não só um estado de compreensão do mundo que o cerca, mas que, muitas vezes configura o estabelecimento de preconceitos que podem prejudicar o seu próprio futuro como leitor e agente social (VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda, 2012, p. 143).

Por isso, o educador da EJA, além de ser um mediador no processo de ensino-aprendizagem, precisa trabalhar em função da desconstrução da discriminação que permeia essa modalidade de ensino, e da construção com esses alunos de uma relação de empoderamento, para que eles se sintam encorajados, capacitados e se apropriem do direito que eles têm de serem estudantes, de desfrutarem de uma educação de qualidade, libertadora e adequada às vivências que já possuem.

Para realizar esse trabalho utilizei da pesquisa bibliográfica que procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Busca também, conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema (MARTINS, 2001)

Para se alcançar o objetivo proposto, a pesquisa foi organizada em cinco capítulos:

No Primeiro Capítulo, “Histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil: algumas discussões”, apresentamos um breve relato sobre a história da EJA no Brasil.

No Segundo, “O ensino da Língua Portuguesa na EJA: um projeto para um processo de ensino e aprendizagem mais significativos que aborda o cenário que estamos vivenciando na EJA e a importância de trabalhar nas aulas de Língua Portuguesa os gêneros textuais para desenvolver uma aprendizagem significativa. Ainda no segundo capítulo trouxemos a escrita e a leitura na EJA, enfatiza o papel do professor na função de mediar o conhecimento, aproveitando as experiências que o aluno da EJA traz consigo.

No Terceiro Capítulo, O Letramento. Aqui há uma exposição mais detalhada sobre o conceito desse termo e a relevância dessa prática que é necessária nos frequentes discursos

escritos e falados no ensino de Língua Portuguesa nos dias atuais. Fazemos discussões sobre a importância da aquisição do ler e do escrever, e os usos das práticas sociais da leitura e da escrita.

No Quarto Capítulo, Gêneros textuais e letramento sob a perspectiva da Educação da EJA, apresenta discussão sobre os gêneros textuais, baseando-se, principalmente, na teoria de Marcuschi (2008). Este capítulo aborda também a questão do analfabetismo e Autonomia e do letramento, tendo como enfoque central a EJA.

A seguir, no Quinto e último Capítulo, “Resultados e Discussões”, relatamos os resultados e discussões que obtivemos ao longo dessa pesquisa realizada, lembrando sobre termos importantes e ressaltando o papel do professor de Língua Portuguesa na EJA.

2. A educação de jovens e adultos no Brasil: algumas discussões

Podemos perceber que a proposta de Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem desde o período do descobrimento do Brasil, quando os jesuítas vieram com a missão de catequizar tanto crianças como adultos indígenas em uma ação de propagar a fé católica, a partir da educação, que não se estabeleceu por muito tempo.

As discussões sobre a EJA voltaram a ter mais repercussão nas décadas de 20 e 30, após as mudanças que estavam ocorrendo no processo de industrialização da década de 30, esse movimento começou a ganhar mais força:

Com a criação do Plano Nacional de Educação instituído na Constituição de 1934, estabeleceu-se como dever do Estado o ensino primário integral, gratuito, de frequência obrigatória e extensiva para adultos como direito constitucional. A oferta de ensino básico e gratuito estendeu-se a praticamente todos os setores sociais. (FRIEDRICH et al, 2010, p.395).

O movimento foi ganhando mais força em meados da década de 40, quando foi regulamentado o Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), criado pelo professor Anísio Teixeira, também cria-se o Serviço Nacional da Educação de Adultos (SNEA) voltado ao ensino Supletivo, surge a 1ª Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), e o 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos e, posteriormente, em 1949, o Seminário Interamericano de Educação de Adultos.

Na década de 50, é realizada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), com o objetivo de diminuir os índices do analfabetismo, mas que por motivos financeiros foi extinta em 1963. (FRIEDRICH et. al, 2010, p.397).

Na década de 60, foram criados o Movimento da Educação de Base (MEB), no ano de 1967 o governo militar cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), com a intenção de alfabetizar de forma continuada.

Na década de 70, a educação de jovens e adultos no Brasil surge com a necessidade de escolarizar pessoas que por diversos motivos, dentre os mais relevantes, trabalho para o sustento da família, e habitar lugares distantes como fazenda por exemplo quando não tem o transporte, ou até mesmo o sofrimento de se passar muitos dias para conseguir chegar à escola, por esses e vários outros motivos não concluirão à escolarização. Trazer esse levantamento no contexto histórico também foi de certa forma, compreender e referenciar a representação teórica de uma política pública educacional que busca promover uma efetiva mudança no cenário educacional

do país. Nessa perspectiva, “O artigo 24 da LDB/71, o primeiro a conter alguma referência oficial à situação do ensino para jovens e adultos, inclui “suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria”. (PEREIRA,2014, p.1).

Na década de 80, o passo histórico que nos leva a compreender um pedido de desenvolvimento de estudos com a EJA, foi na “Constituição Brasileira”, promulgada em 1988, encontramos o reconhecimento do direito à educação para todos.

Na década de 90, na LDB (9394/96), a EJA é admitida como dever do Estado, (PEREIRA, 2014, p.2), nesse contexto podemos perceber que o estado, mesmo no seu dever nada propôs para mudar essa realidade. Começou a surgir então o “Programa de Alfabetização Solidária (PAS), com trabalho voluntário nas escolas, campanhas (“Adote um Analfabeto”, por exemplo) e iniciativas isoladas, muito longe do necessário, como infelizmente é comum em questões ligadas à Educação.” (PEREIRA,2014, p.2).

Na década de 2000 esse Programa teve grande relevância:

“O Parecer CEB/CNE / 2000 (Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação) explicita para a EJA três funções: a reparadora (que desenvolve a escolarização não conseguida quando criança); a equalizadora (que cuida de pensar politicamente a necessidade de oferta maior para o que é mais desigual do ponto de vista da escolarização); a qualificadora (entendida como o verdadeiro sentido da EJA, por possibilitar o aprender por toda a vida, em processos de educação continuada).” (PEREIRA, 2014. p.2).

Em 2003, o Governo Federal criou a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, e em 2006 o governo criou o PROJOVEM, voltado ao segmento juvenil de 18 a 24 anos, e em 2007 o PROEJA, voltado a Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos.

Todo esse contexto histórico, só nos mostra, a luta que esse movimento tem desde décadas, até nos dias atuais para se tornar uma educação que realmente seja valorizada pelo governo e que aborde maneiras diferentes de lidar com o público alvo, para causar o interesse e também melhorar a qualidade de entendimento nas suas tarefas diárias.

Focalizamos sujeitos que vivenciam uma variedade de situações concretas formadoras de subjetividades, definidas, no sentido genérico, como o que se reporta ao sujeito humano, por contraste às condições externas de existência que precedem a entrada do sujeito no mundo, já que se ligará aos fluxos sociais, materiais e aos signos que o circundam, o atravessam e o constituem. Esse sujeito age sobre o presente e o real, se diferencia e se reconhece nas singularidades de sua própria existência. (PEREIRA, 2014. p.2).

Contudo, “Educar jovens e adultos não se restringe a tratar de conteúdos intelectuais, mas implica lidar com valores, com formas de respeitar e reconhecer os diferentes e os iguais.” (PEREIRA, 2014. p.2). É importante também ressaltar o quanto a escola tem um papel importante para tornar-se um facilitador desse caminho, é preciso trabalhar formas diferentes para receber o público da EJA, trazer para dentro da sala de aula a aceitação da diversificação e apropriar das experiências de vida para produzir saberes.

Nos últimos anos aconteceram vários eventos em torno da EJA: seminários, fóruns estaduais e nacionais, instalação de centros de pesquisa nas universidades, publicações em revistas, livros, dissertações, teses e teleconferências. Tal conjunto de ações contribui para o pensamento e regulamentação do direito à educação das pessoas jovens e adultas. Uma prática inclusiva das dimensões humanas desses segmentos subentende as relações de gênero, raça e geração. Trabalhar com tais dimensões no cotidiano escolar, observando como os sujeitos se anunciam para podermos elaborar práticas, é um grande, mas instigante desafio.

No Brasil, há uma maioria mestiça e negra, homens e mulheres, jovens e adultos, trabalhadores/as empregados/as e desempregados/as ou em busca do primeiro emprego; filhos, pais e mães, moradores urbanos e rurais, de periferia, favelas ou não, ou considerados sujeitos marginais à sociedade, aqueles (quase) sempre excluídos, por isso tratados como “pobres coitados”. Precisando de doações ou ajuda, sujeitos menores e fracos para o mundo moderno.

A compreensão do lugar dos sujeitos é uma construção social a ser contestada para que se construam outros significados. Focalizamos sujeitos que vivenciam uma variedade de situações concretas formadoras de subjetividades, definidas, no sentido genérico, como o que se reporta ao sujeito humano, por contraste às condições externas de existência que precedem a entrada do sujeito no mundo, já que se ligará aos fluxos sociais, materiais e aos signos que o circundam, o atravessam e o constituem. Esse sujeito age sobre o presente e o real, se diferencia e se reconhece nas singularidades de sua própria existência.

2.1 Tratar os desiguais com igualdade

Na escola temos os/as alunos/as das experiências da EJA cuja vida é ponto de partida para se pensar tempo, espaço, afirmação, avaliação e, principalmente, o diálogo com o conhecimento construído. As experiências de vida desses/as alunos/as produzem saberes que devem ser apropriados pelos/as próprios/as alunos/as e pelas escolas, assim como pelos/as professores/as. São sujeitos que se constituem por manifestações culturais, estéticas e corporais – marcas de preferências musicais, de moda, religiosidades, sexualidades, paternidade e/ou maternidade em jovens e adultos.

Pensar uma escola que considere esses marcadores, admitindo tamanha diversificação, revela-se tarefa difícil. Primeiramente é preciso tratá-los como são, como se apresentam, conhecê-los, amadurecer o diálogo, escutá-los, deixá-los expressar não só a voz, mas o corpo, a mente, em diferentes linguagens, os tempos e os espaços que trazem para a escola, trazendo da diversidade, uma organização para as relações pedagógicas.

O Parecer CEB/CNE / 2000 (Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação) explicita para a EJA três funções: a reparadora (que desenvolve a escolarização não conseguida quando criança); a equalizadora (que cuida de pensar politicamente a necessidade de oferta maior para o que é mais desigual do ponto de vista das escolarizações); a qualificadora que é a entendida como o verdadeiro sentido da EJA, por possibilitar o aprender por toda a vida, em processos de educação continuada.

Educar jovens e adultos não se restringe a tratar de conteúdos intelectuais, mas implica lidar com valores, com formas de respeitar e reconhecer os diferentes e os iguais.

Não há como os jovens e os adultos, sem as oportunidades de escolarização no “tempo certo”, serem subordinados ou controlados pelos processos formais de ensino/aprendizagem. Isso não presume, evidentemente, ausência total de planejamento ou falta de critérios e objetivos. Apenas deve-se ter em mente a concepção real de um projeto educacional para a EJA em que as formulações e as aplicações se ajustem aos anseios pessoais e profissionais da clientela a que se dirigem.

Para Oliveira e Paiva (2004), a ideia da tessitura do conhecimento em rede pressupõe que as informações às quais se submetem os sujeitos sociais só passam a constituir conhecimento quando se unem a outros fios já existentes nas respectivas redes de saberes particulares, ganhando, no processo, um sentido próprio, não forçosamente aquele que o transmissor da informação pressupõe. Assim, dizer algo a alguém não provoca aprendizagem

nem conhecimento, se o que se diz não entrar em conexão com interesses, crenças, necessidades, valores ou saberes de quem escuta. Os processos de aprendizagem vividos, formais ou quotidianos, envolvem a possibilidade de atribuição.

Não faz sentido um percurso único e obrigatório para todos os sujeitos em seus respectivos processos de aprendizagem. É preciso incorporar os elementos que compõem os perfis dos envolvidos aos currículos e às práticas para fins de sua materialização.

A organização curricular deve-se preocupar em não separar a pessoa que vive e aprende no mundo daquela que deve aprender os conteúdos escolares. Na EJA, existe o agravante de que a idade e a vivência social e cultural dos alunos correm o risco de ser ignorada, mantendo-se a lógica infantil e juvenil dos currículos das escolas regulares.

Merece cuidado a linguagem utilizada pelos professores, responsável pela possível infantilização de pessoas que, se não puderam frequentar a escola antes, tiveram e continuam tendo uma vida rica em aprendizagens dos mais diferentes níveis.

Existe ainda a predominância da abordagem formalista dos currículos que se situa numa tendência geral do pensamento dominante nas sociedades ditas ocidentais: a da superioridade do saber teórico sobre o prático, do trabalho intelectual sobre o manual. Por outro lado, legitimar apenas as experiências e os saberes que os alunos trazem pressuporia que não pudessem alcançar um outro nível de pensamento e conhecimento mais elaborado. O importante é, reconhecendo seus valores, proporcionar-lhes novas experiências para ultrapassarem o conhecido e o vivenciado. Naturalmente, novas formas e modelos de avaliação acompanham essas tendências.

Emerge, então, outra compreensão de currículo, abandonando-se aquele construído segundo modelos preestabelecidos em favor do resultante de um processo por meio do qual os praticantes desse currículo ressignificam suas experiências a partir de saberes e fazeres dos quais participam intensamente. Tal processo, que se dá de múltiplas formas, apresenta maiores condições para superar (ou reduzir) os problemas com que nos deparamos/ eles se deparam.

Ouvir os atores envolvidos – professores e alunos – no processo é um passo fundamental, na medida em que serão eles que desenvolverão as ações responsáveis pelo sucesso ou fracasso do empreendimento.

2.2 O ensino de Língua Portuguesa na EJA: um projeto para um processo de ensino/aprendizagem mais significativo

No cenário atual do sistema educacional brasileiro, onde ocorrem reformas constantes na educação com a finalidade de melhorar a qualidade do ensino. Vários programas vêm sendo ampliados ao longo desses anos entre eles temos a EJA que é um programa do Governo Federal elaborado para jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de escolarizar na idade certa e que por vários motivos pararam de estudar e não concluíram os seus estudos.

Nosso foco aqui é procurar fazer uma reflexão sobre o ensino de língua portuguesa na EJA sobre leitura e escrita, trazendo soluções e propondo que é possível ter uma aprendizagem significativa com prática pedagógica centrada no estudo dos gêneros e atividades que partem da realidade e adaptada às dificuldades de cada educando, para assim alcançarmos a formação de cidadãos críticos e letrados.

Para que essa mudança aconteça é necessário que a prática no ensino de língua portuguesa proporcione ao aluno aulas interativas, associadas de sua realidade linguística, que o levem a construir sentidos, para que ocorra uma formação integral e concreta. Segundo SANTOS (2010), os gêneros textuais, é uma das formas mais promissoras e com resultados eficazes e concretos para se ter uma aprendizagem significativa no ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos,

Portanto, o estudo através dos gêneros, partindo dos orais para os escritos, num processo de retextualização, pode ser uma estratégia eficaz para conseguir alunos mais participativos e estimulados, por sentirem-se agentes na produção do saber, e, assim, promover um aprendizado da língua mais efetivo. O trabalho com textos é imprescindível para o estudo da língua. Não se aprende língua portuguesa estudando regras gramaticais desvinculadas do uso real da língua na comunicação seja escrita, seja falada. Ninguém se comunica citando regras isoladas e frases soltas, mas através de um discurso elaborado com sentido, com o objetivo de comunicar algo. (SANTOS, 2010, p. 2).

O intuito de trabalhar leitura e escrita com os gêneros textuais é aliar com o conhecimento prévio dos alunos, por meio da exploração da sua realidade sociocultural, desenvolvendo assim práticas de leitura e escrita de diversos gêneros textuais, tornando assim uma aprendizagem significativa.

Assim, ambas estão interligadas e estão relacionadas com a questão da significação, da interpretação do que é escrito e lido. Os gêneros textuais, auxiliam como um mecanismo de comunicação por meio de atividades de retextualização. Essas atividades são eficazes para um

ensino mais significativo da língua e é capaz de desenvolver a competência leitora e produtora de textos, construindo assim, alunos mais ativos, críticos, capazes de mover o pensamento para a resolução de situações-problema.

No ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos, esse processo pode se revelar bastante produtivo. A maioria dos alunos dessa modalidade de ensino não tem contato com textos, mal consegue realizar atividades simples de identificação. Através de atividades de retextualização, o aluno pode desenvolver a habilidade de leitura e compreensão do texto, e isso será significativo não só para o aprendizado da língua como também das outras disciplinas, visto que ele precisará ler e compreender os mais variados textos. (SANTOS, 2010, p. 2).

O professor de Língua Portuguesa precisa colocar em prática essa ideia de trabalhar os gêneros textuais como instrumento para desenvolver o letramento. O professor também tem que estar informado que não está ensinando uma língua para o aluno, mas, sim, refletindo com ele as possibilidades de uso da sua língua que já sabe, e que só precisam ser instruídos. As Orientações Curriculares para a EJA reforçam essa ideia, definindo como objetivos gerais do componente de Língua Portuguesa no segundo segmento do Ensino Fundamental:

A etapa complementar representa um momento da ação educativa em que se torna possível ao educando, em função dos conhecimentos adquiridos e das vivências realizadas nas etapas anteriores, ampliar habilidades, conhecimentos e valores que permitem um processo mais amplo de participação na vida social. Seus conhecimentos e usos da leitura e da escrita devem permitir que leiam com desenvoltura textos de uso freqüente de circulação pública, tais como notícias, reportagens, entrevistas, histórias, didáticos etc., estabelecendo relações apropriadas entre um texto e conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores; que utilizem textos de instrução de organização da vida diária, tais como fichas, registros, agendas, anotações etc. Por outro lado, sua escrita, deve ser utilizada com propriedade (mesmo que desconhecendo aspectos formais da modalidade em questão) nas interlocuções interpessoais, em situações de estudo, da vida profissional e de intervenções públicas. (Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem para Educação de Jovens e Adultos. São Paulo: 2008, p. 51).

Outro autor importante e defensor dos gêneros textuais na Educação de Jovens e Adultos levantando a ideia de uma aprendizagem que seja significativa aos alunos, isto é, que os alunos a utilizem fazendo conexões entre a prática e a realidade, é David Ausubel. A teoria de Ausubel fala sobre a história do sujeito – aluno, e lembra a função dos professores na suposição de situações que favoreçam a aprendizagem. Segundo Ausubel há duas condições para que a aprendizagem significativa ocorra: o conteúdo a ser ensinado deve ser potencialmente revelador e o estudante precisa estar disposto a relacionar o material de maneira consistente e não arbitrária.

Para que ocorra uma aprendizagem significativa é necessário: disposição do sujeito para relacionar o conhecimento; material a ser assimilado com “potencial significativo”; e existência de um conteúdo mínimo na estrutura cognitiva do indivíduo, com subsunçores em suficiência para suprir as necessidades relacionadas. Na teoria de Ausubel, o processo de assimilação é fundamental para a compreensão do processo de aquisição e organização de significados na estrutura cognitiva. Basta o educador primeiramente sondar o repertório do aluno para provocar na criança uma aprendizagem significativa. As assimilações podem ser simples, como dosar os ingredientes para fazer um bolo e utilizar essa mesma experiência com os conceitos de cálculos, grandezas e medidas da matemática. Com isso, os modos de ensinar desconectados dos alunos podem ser modificados para a articulação de seus conhecimentos, no uso de linguagens diferenciadas, significativas, com a finalidade de compreender e relacionar os fenômenos estudados (BRUINI, 2018, p.1).

Podemos dizer então que, para o desenvolvimento dessa teoria é necessário um planejamento de ensino de maneira mais significativa, onde os alunos tem a oportunidade de se tornar realmente integrante desse processo e deixa de ser passivo, tornando cidadãos participativos e críticos instaurando uma conexão entre teoria e pratica.

A prática da leitura e da escrita se constituem possibilidades de plena inserção social. É por meio da aprendizagem da escrita e leitura que os indivíduos se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, produzem conhecimentos. Dessa forma, ao letrar, os alunos assumem a responsabilidade de contribuir para assegurar que os alunos tenham acesso aos saberes necessários para convívio em seu meio social, de maneira que sejam capazes de interpretar os diferentes textos que circulam, de assumirem a palavra, de produzirem textos eficientes nas mais diversas situações do dia a dia.

Diante dos estudos realizados, podemos afirmar que a teoria da aprendizagem significativa é uma forma de ensinar que tem resultados práticos e envolvimento dos alunos nas aulas de língua portuguesa, e o interesse em refletir e pesquisar os temas que são propostos ao longo das aulas. Esses resultados, sobretudo no ensino da linguagem nos informam, que a Educação de Jovens e Adultos requer a elaboração de projetos educacionais eficazes, que proporcionem um ensino de qualidade, a qual é formada por pessoas que são o alicerce de outras e que, saindo da condição de analfabetos, serão agentes multiplicadores de educação.

2.3 Leitura e escrita

Ao entrarmos no mundo da leitura e escrita sabemos que além de ser de grande importância para o ensino da Língua Portuguesa, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nos orientam a trabalhar com a leitura e escrita para que desse modo, o aluno adquira conhecimentos, assim logo percebemos que o professor é o mediador para conduzir a orientação desse aprendizado.

Ao trabalhar esse tema, o aluno ele estará enriquecendo seus conhecimentos quanto ao vocabulário, a uma boa escrita, trabalhando a argumentação, proporciona o questionamento e a reflexão do indivíduo entre diversos outros benefícios, de se ter uma boa leitura e escrita.

Assim, sabe-se que a comunicação escrita é uma atividade humana que nos exige um cuidado na hora de escrever, e a escola é a instituição responsável por orientar e trabalhar nos conteúdos de Língua Portuguesa (LP) essas questões. No entanto, pode-se afirmar que a leitura trás diversos benefícios, isso sem falar que, com a prática da leitura vamos desenvolvendo nosso potencial crítico diante da realidade, o que proporciona o questionamento e reflexão no indivíduo. (DORNELES, 2012, p.1).

Nesse capítulo o objetivo é trazer discussões que afirmem o quanto essa prática é importante para o desenvolvimento intelectual dos alunos. A escrita e a leitura se relacionam de forma que a leitura influencia na escrita, pois a partir da leitura, abre novas experiências, construindo assim uma grande familiaridade com a escrita.

A leitura é uma forma de adquirir conhecimentos, experiências, enriquecer a memória, desenvolvimento da linguagem, dentre várias outras possibilidades, proporcionando ao leitor um vasto campo de conhecimento, sendo assim capaz de produzir textos.

Escrever um texto não é uma tarefa fácil, devemos ter um planejamento do que será escrito, logo após o planejamento deve-se escrever no papel o texto, ou seja, passamos a colocar no papel o que foi planejado, e a fase final é rever o texto, para que se confirme se os objetivos foram cumpridos ou mesmo fazer uma revisão para verificar se o texto possui coerência e coesão, bem como alguns erros de português. (DORNELES, 2012, p.2).

Escrever um texto seria uma tarefa fácil se todos tivessem o hábito de ler, que é essencial para desenvolver habilidades de oralidade e escrita, o professor de Língua Portuguesa deve incentivar a leitura e a escrita, para que os alunos possam compreender melhor, os gêneros textuais e as atividades de análise e reflexão sobre a língua. Seguindo assim a prática lado a lado com a teoria. Sendo assim:

O professor deve resgatar o prazer pela leitura e a escrita na escola, a leitura é muito importante para o crescimento intelectual, isto é, quem lê solta a imaginação e se torna crítico, dando asas ao pensamento e de certa maneira adquirindo a criatividade e um pouco mais de conhecimento que se ampliam todos os dias. Ler é uma possibilidade de viajar no pensamento, de “compreender a vida” e uma tentativa de aprofundar nossos conhecimentos e melhorar a escrita. O professor é o mediador do conhecimento, o mesmo não sabe de tudo, ninguém sabe de tudo, ou seja, aprendemos na interação com as outras pessoas. Portanto, é obrigação do professor mudar a realidade escolar, buscando, sobretudo, novas formas e tentativas de se trabalhar no ensino de Língua Portuguesa (LP) através de uma perspectiva mais fundamentada nas dificuldades dos alunos de forma mais prazerosa e inovadora a leitura e a escrita. (DORNELES, 2012, p.3).

Assim, o ato de ler, representa a abertura de tornar o leitor um ser autônomo e crítico, capaz de ter consciência de seus atos, afirmações e sabendo lidar com diálogos, assumindo-se como sujeito, passando a ver o mundo de outra forma, além de saber fazer uma leitura mais ampla e conseqüentemente melhorar na sua escrita.

Há tempos, a leitura mesmo que fosse nos desenhos das cavernas já estava associada a escrita rupestre. Sem dúvidas de que a leitura é essencial e traz grandes benefícios aos seres humanos, ela amplia o pensamento, a capacidade criadora e facilita no alcance das experiências e estimulações. Quando o aluno lê, ele cria intimidade com o mundo da escrita aproximando-se mais da realidade dos textos. Ao ler ele se interage com outras culturas, com o mundo, cria novos pensamentos e novas ideias.

A escrita tem a finalidade de ir além da fala, acompanha a leitura, uma completando a outra, a escrita também tem sua importância. É necessário saber escrever bem, para assim ser capaz de escrever vários textos de diversos gêneros. Portanto:

A escrita é uma forma de poder que influencia e tem importância em nosso cotidiano, ninguém escreve por acaso, sempre temos uma intenção por trás das palavras escritas em um papel, a escrita faz com que a experiência de cada pessoa resulte em um meio de comunicação com o mundo. Entretanto, se faz necessário que a escola trabalhe em suas aulas de Língua Portuguesa (LP), mais a leitura e a escrita, trazendo para o meio escolar o prazer de ler e escrever, para que assim, formemos um aluno capaz de tornar-se um leitor e escrever variados tipos e gêneros de textos. (DORNELES, 2012, p.5).

Podemos afirmar que dentro desse contexto, o papel do professor de Língua Portuguesa é essencial ao incentivar o aluno a ler e escrever frequentemente, a tarefa do professor é tornar seus alunos cidadãos críticos capazes de expressar suas opiniões e preparados para uma vida em sociedade, assim sendo construído ao longo de sua trajetória educacional, um crescimento intelectual desse sujeito.

O professor precisa tentar mudar a realidade escolar em que a maioria das escolas se insere, sendo ele o mediador de conhecimento, é preciso colocar em prática as teorias,

acreditando sempre em trazer para dentro da realidade escolar um contexto que parta da realidade dos seus alunos, sendo assim:

O professor de Língua Portuguesa (LP) deve ter um aprofundamento teórico acerca da linguagem, e o principal, colocar em prática a teoria, pois não adianta nada ter conhecimentos sobre todas as teorias se não colocar em prática no ambiente escolar a leitura e a escrita de uma forma crítica e voltada para a construção de uma educação melhor. (DORNELES, 2012, p.3).

Para a construção de um ensino que o aluno realmente aprenda e sinta prazer por ler e escrever, devemos idealizar na prática contextos que partem da sua realidade e também enfatizar a bagagem de conhecimentos que ele traz consigo, aprendendo a partir de uma troca mútua de conhecimentos, realizando uma ponte de saber entre o professor e o aluno, valorizando o que o aluno já sabe, o seu conhecimento sobre o que já aprendeu, para assim construir juntos um aprendizado para a vida. Tratando em questão da aprendizagem da leitura e escrita, podemos citar como exemplo trazer para dentro da sala histórias que os alunos vivem, eles mesmos produzindo histórias da realidade deles.

Assim sendo, acredito na valorização do que o aluno já sabe, naquilo que ele aprendeu, dentro ou fora da Escola. Levar em conta, dentro da sala de aula, hipóteses nas quais o aluno produz é algo imprescindível em um processo onde o aluno está começando a construir saberes que levará sempre consigo, como a leitura e a escrita. (LONGARAY, 2016, p.10).

É muito importante para o professor, apresentar nas aulas de Língua Portuguesa, conteúdos que discorram a partir, da realidade e necessidades dos alunos, a leitura e a escrita sempre oferecerão essa possibilidade de se dedicar, com essa prática. Desta forma, os alunos interagem uns com os outros e possibilitam um leque de oportunidades de leitura e escrita, consequentemente tendo bons resultados na hora de escrever.

Aprender precisa ser algo importante e marcante para o aluno, um ensino resultado em aprendizagens torna para o aluno algo prazeroso e se torna significativo, por isso ressaltamos, a importância da troca mútua de conhecimentos, o saber deve ser construído, juntamente com os alunos, para assim construir algo do interesse deles, o professor como mediador desse conhecimento deve construir propostas de ensino que tenha sentido e significado para o aluno, abrindo assim novas aberturas de conhecimentos para a construção de saberes que o aluno sempre está realizando.

Analisando a pesquisa da LONGARAY (2016), “SORA, É PARA ESCREVER DO JEITO QUE SABE, NÉ?”: propostas pedagógicas de leitura e escrita”, ela observa a alfabetização de uma sala de aula, e pude concluir a partir de relatos descritos pela autora ao

longo do texto, que dentro de uma mesma turma de alfabetização, é possível se ter diversos níveis de escrita. E que devemos levar em consideração esses diferentes tipos de escrita. A autora analisou diferentes propostas de leitura e escrita elaboradas para a diversidade de níveis presentes na turma, e apresentou a proposta de fazer atividades diferentes para cada nível de escrita que o aluno estava, uma mesma atividade, mas com intervenções diferentes, tendo resultados positivos ao final da pesquisa. Sendo assim:

Esta pesquisa me proporcionou um olhar além do que eu tinha dentro da sala de aula, pois é somente analisando o que já fizemos que conseguimos ver os resultados esperados. Tentei mostrar aos leitores, que de uma maneira adequada, é possível que o professor possa obter grandes avanços em sua turma de alfabetização, se for adequando sua prática às necessidades de aprendizagem de cada aluno, o que implica um olhar curioso e um estudar continuamente. (LONGARAY, 2016, p.33).

Defendemos que seja isso que os professores devem trazer para dentro da sala de aula, uma aprendizagem significativa que faça parte de um todo, mas se adequando as necessidades de cada um, pois cada aluno tem sua forma de aprender. É possível sim tornar alunos críticos e letrados a partir da leitura e escrita e propostas que tragam os alunos para o mundo do interesse em ler e escrever, conseqüentemente interessados, perceberemos o avanço da aprendizagem.

O professor de Língua Portuguesa tem um papel importante na vida dos alunos. Sua função é conscientizar e formar um aluno para a vida em sociedade, construindo de forma mediada o conhecimento, visando unicamente o crescimento intelectual do sujeito, trazendo e respeitando as diferenças sociais e linguísticas para construirmos dessa maneira uma sociedade melhor. Conclui-se que o ensino de Língua Portuguesa deve estar voltado para a realidade dos alunos, pois, é papel do professor colocar em prática no ambiente escolar a leitura e a escrita para que formemos um aluno capaz de se tornar um leitor e que domine basicamente as diversas modalidades de escrita.

A leitura é essencial, são grandes os benefícios que temos através da leitura. Deve-se ter um professor que busque mudar suas aulas, tornando assim, as aulas de português diferentes e inovadoras, para que o aluno tenha consciência que precisa melhorar muito ainda. Enfim, para que no momento de escrever tenhamos mais cuidado e através da prática da leitura busquemos tornar um leitor crítico e ativo, para que assim, possamos utilizar a leitura como prazer e não como uma mera obrigação.

2.4 Leitura e escrita na EJA

Aprender a ler e escrever na Educação de Jovens e Adultos está muito além do que apenas codificar e decodificar, ambos assumem um papel extremamente importante que possibilita ao aluno ler e escrever textos do seu contexto cultural, ressignificando seu aprendizado, onde ler e escrever são possibilidades que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento e se inserir no seu meio social.

Para compreendermos melhor do que o aluno necessita precisamos primeiro entender o que a escola apresenta para auxiliarmos nesse processo, segundo Lerner:

"É assim que se torna possível evitar a justaposição de atividades sem conexão - que abordam aspectos também sem conexão com os conteúdos -, e as crianças tem oportunidade de ter acesso a um trabalho suficientemente duradouro para resolver problemas desafiantes, construindo os conhecimentos necessários para isso, para estabelecer relações entre diferentes situações e saberes, para consolidar o aprendido e reutilizá-lo...". (LERNER,2002, p.23).

Para compreendemos como auxiliar o aluno nesse processo de construção de conhecimento é preciso conhecer as dificuldades que a escola apresenta, para que então se possa propor soluções e possibilidades. Há vários outros fatores como a estruturação de ensino, a necessidade da escola de controlar a aprendizagem faz com que dificulte o trabalho do educador de conciliar as necessidades dos alunos e ao mesmo tempo a da instituição escolar. Para podermos chegar ao consenso entre ambas as partes é preciso que o educador use das suas práticas educativas e trabalhe com os alunos, ferramentas que estimulem neles a aprendizagem, fazendo também avaliações desse processo sem deixar que isso afete a sua aprendizagem.

O principal desafio que realmente precisamos trabalhar isso com os alunos, é, transformar a leitura e a escrita para além da escola, para que possam ser pessoas críticas e de posicionamentos perante ao seu meio social em que vive, deixar de viver o tradicional, esquecer as atividades mecânicas e sem sentido, e trabalhar o novo, com atividades elaboradas de acordo com a necessidade e com a realidade dos alunos, trazer métodos diferentes de ensino para a sala de aula, analisar o que realmente a sala necessita para juntos alcançar os objetivos de serem fluentes não somente na leitura e escrita, mas também para serem melhor inseridos no seu meio cultural de vida. Principalmente na Educação de Jovens e Adultos que trazem consigo uma bagagem muito grande de conhecimento, o ideal a se fazer e sempre trazer o conhecimento que o educando já tem e trabalhar com a realidade deles. Aproveitar esse conhecimento que o aluno

traz consigo é muito importante no processo de ensino-aprendizagem, a leitura e a escrita só acrescentam mais ainda a sua bagagem cultural.

"O desafio [...] é formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade dos outros". (LERNER,2002, p.27).

É possível uma mudança da prática didática de hoje nas escolas, para melhor ensinar a leitura, é preciso que a didática esteja fundamentada e baseada em muitos pensadores e educadores, como estudos de Piaget, Paulo Freire, entre tantos outros que estão baseados no avanço do conhecimento científico dessa área, que como em outras áreas, teve suas hipóteses testadas. É preciso compreender também, que essas mudanças não dependem apenas da capacitação do professor, é uma condição necessária, mas não suficiente. É preciso também conhecer o cotidiano escolar em sua particularidade, buscando descobrir os mecanismos ou fenômenos que permitam ou interrompam a apropriação da leitura e da escrita por todos que ali estão incluídos.

Trazer para dentro da sala de aula novos métodos do ensino baseados na didática fundamentada da leitura e da escrita, a escola precisa compreender e ajudar no processo da aprendizagem significativa, abandonando as atividades tradicionais e sem sentido que levam o aluno a compreender a escrita como uma atividade pura e unicamente escolar. É preciso mostrar para a escola o papel de formação de produtores de escrita conscientes de sua função e poder social, ensinando também, a interpretação e a produção dos diversos tipos de texto existentes, conseguindo que a escrita passe a ser um objeto de ensino, capaz de refletir sobre o seu próprio pensamento, como um instrumento de criação.

Como o objetivo final do ensino é que o aluno possa fazer funcionar o aprendido fora da escola, em situações que já não serão didáticas, será necessário manter uma vigilância epistemológica que garanta uma semelhança fundamental entre o que se ensina e o objeto ou prática social que se pretende que os alunos aprendam. A versão escolar da leitura e da escrita não deve afastar-se demasiado da versão social não-escolar. (LERNER,2002, p.35).

A escola deve adotar como objetivo formar cidadãos praticantes da leitura e da escrita, capazes de realizar escolhas e de opinar sobre o que leem e veem em seu entorno social, sendo assim, é necessário pelos pesquisadores de didática analisados os (Projetos Políticos Pedagógicos) PPPs, principalmente no âmbito da leitura e da escrita, bem como os elementos que podem contribuir para as mudanças necessárias, sendo de suma importância essa análise.

É compreensível que a essa altura do texto, já tenha entendido que é o ensino não depende somente da formação dos professores, e sim de todo um planejamento aliado a escola para requerer mudanças necessárias na concepção do ensino e aprendizagem, não perdendo suas origens mas também abrindo portas para uma nova etapa da alfabetização, que estará sempre em uma constante aprendizagem conscientizando que a educação também é objeto da ciência.

A partir do momento que a escola está aberta a receber essa transformação didática de ensino é importante também saber as necessidades e obstáculos, implícitos ou explícitos, será uma proposta para suprir ou superar as dificuldades. Assim dar continuidade na elaboração de propostas curriculares, efetivas, selecionando conteúdos necessários para suprir essa necessidade e que esteja respaldado na prática.

As práticas de leitura atualmente têm um vasto campo de oportunidades dos mais variados textos, desde os mais pesados até as mais simples reflexões realizadas a partir de conversas e debates, sempre mantendo um fator comum entre todas elas, como as relações com as outras pessoas, discutindo hipóteses, ideias, pontos de vista, reflexão entre tantas outras. É necessário que os alunos possam ter esse contato com os mais variados tipos de textos, sendo direito de todos, para assim desenvolver uma apropriação de práticas de leitura significativas, que são essenciais para que o aluno seja um praticante da leitura e da escrita.

"...É preciso assinalar que, ao exercer comportamentos de leitor e de escritor, os alunos têm também a oportunidade de entrar no mundo dos textos, de se apropriar dos traços distintivos[...] de certos gêneros, de ir detectando matizes que distinguem a 'linguagem que se escreve' e a diferenciam da oralidade coloquial, de pôr em ação [...] recursos linguísticos aos quais é necessário apelar para resolver os diversos problemas que se apresentam ao produzir ou interpretar textos [...]. É assim que as práticas de leitura e escrita, progressivamente, se transformam em fonte de reflexão metalinguística". (LERNER, 2002, p. 64).

Ensinar a ler e escrever é a tarefa mais importante da escola, mas ainda existem fatores que de certa forma atrapalham esse aprendizado, como por exemplo pensarem que existem apenas uma interpretação para cada texto e não dar muita importância para o sentido ou significado de certos conteúdos. Para que esse modo de pensar e ensinar acabe, é preciso que ocorra uma mudança nos métodos de ensino, a escola precisa trabalhar a aprendizagem de acordo com os resultados dos trabalhos científicos em torno de como ocorre o processo de aprendizagem, e também é importante não perder de vista que a apropriação só será possível se houver sentido e significado para o sujeito que aprende.

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita. (LERNER,2002, p.73).

O professor além do aluno também precisa assumir o papel de leitor dentro da sala de aula, ler com clareza e abrindo espaço para debates sobre o que foi lido, propiciando assim para o aluno que eles vivenciem um prazer pela leitura e uma prática da leitura, mas cabe ainda ao professor propor mais estratégias de leitura que aproximem os alunos cada vez mais dos textos, possibilitando assim entre os alunos um clima de leitor.

As propostas de trabalho e as reflexões aqui apresentadas mostram que é possível sim! Ler e escrever na escola, desde que se promova uma mudança qualitativa na gestão do tempo didático, reconsiderando as formas de avaliação, não deixando que estas interfiram ou atrapalhem o propósito essencial do ensino e da aprendizagem. Desde que se elaborem projetos onde a leitura tenha sentido e finalidade social imediata, trans-formando a escola em uma 'micro-sociedade de leitores e escritores em que participem crianças, pais e professores...". (LERNER,2002, p.101).

O papel do conhecimento didático na formação do professor é importante para considerar que como qualquer outro objeto de conhecimento, é construído através da interação do sujeito com o objeto. Um instrumento que pode ajudar na construção do conhecimento didático é o registro de classe que é um instrumento de análise do que ocorre em sala de aula que pode ajudar para a prática docente, pois é considerada como importante instrumento, sendo visto como parte integrante do processo de construção do conhecimento.

O saber didático é construído para resolver problemas próprios da comunicação do conhecimento, é o resultado do estudo sistemático das interações que se produzem entre o professor, os alunos e o objeto de ensino; é produto da análise das relações entre o ensino e a aprendizagem de cada conteúdo específico; é elaborado através da investigação rigorosa do funcionamento das situações didáticas (LERNER,2002, p. 105).

Não podemos falar desse assunto, sem dar a devida importância ao principal fator desse processo de ensino aprendizagem, a atuação docente e a formação permanente de professores, sem dúvidas essa atuação faz grande diferença dentro da sala de aula, quando um profissional é bem instruído e tem formação continuada, fica muito mais fácil resolver os problemas dentro da sala de aula e mediar esse conhecimento para o educando de forma que o método realmente ajude esse aluno a desenvolver.

São inúmeras as considerações sobre o processo formativo dos professores, que tratam diversos fatores que influenciam a prática docente, e também vários professores problematiza

os principais obstáculos do fazer pedagógico com intuito de qualificá-los, e também alertarmos quanto à necessidade da formação continuada de professores diante das constantes transformações sociais, culturais, econômicas e comunicativas que se percebem na nossa sociedade.

3. Letramento

Ao longo do ensino nas aulas de Língua Portuguesa, viu-se necessário trabalhar com alunos na sala de aula, práticas educativas que fossem além da codificação e decodificação a partir de então surgiu um termo que traz um conceito mais atual e inovador no contexto educacional, o letramento.

3.1 Conceito

É nítido que há uma enorme diferença entre alfabetização e letramento, nesse capítulo iremos relatar mais detalhadamente sobre o letramento, esse conceito tão importante e necessário que torna-se cada vez mais frequente no discurso escrito e falado no ensino de Língua Portuguesa nos dias atuais, ao falar sobre letramento em primeiro momento, é preciso saber o que realmente significa, segundo Magda Soares (2009), “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.” O termo letramento quer nos dizer que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz diariamente, por isso o surgimento desse termo.

A escola tem o papel de aquisição da "instrumentalização" do ler e do escrever, mas também aos usos e práticas sociais da leitura e da escrita, a uma adequada imersão no mundo da escrita, avaliando o uso que as pessoas fazem da leitura e da escrita, as práticas sociais de leitura e de escrita de que se apropriaram, o letramento nos remete ir além da simples leitura e escrita, por exemplo uma pessoa pode ser letrada mas não sabe ler e escrever, porque o letramento vai além do ler e escrever, é a capacidade que a pessoa tem de saber as práticas sociais que estão inseridas no meio em que se vive, é ter interesse em fazer uso da leitura e da escrita, segundo Magda Soares,

A diferença entre alfabetização e letramento fica clara também na área das pesquisas em Educação, em História, em Sociologia, em Antropologia. As pesquisas que se voltam para o estudo do número de alfabetizados e analfabetos e sua distribuição (por região, por sexo, por idade, por época, por etnia, por nível socioeconômico, entre outras variáveis), ou que se voltam para o número de crianças que a escola consegue levar à aprendizagem da leitura e da escrita, na série inicial, são pesquisas sobre alfabetização; as pesquisas que buscam identificar os usos e práticas sociais de leitura e escrita em determinado grupo social (por exemplo, em comunidades de nível sócio econômico desfavorecido, ou entre crianças, ou entre adolescentes), ou buscam recuperar, com base em documentos e outras fontes, as práticas de leitura e escrita no passado (em diferentes épocas, em diferentes regiões, em diferentes grupos sociais) são pesquisas sobre letramento. (SOARES, 2009, p.23).

O papel da Língua Portuguesa nesse contexto é imprescindível, visto que o letramento é cada vez mais frequente, nos dias atuais, e se tornou uma prática social da escrita, pode-se compreender a partir da história da alfabetização que vários termos foram utilizados até chegarmos nesse termo atual e com constantes evoluções, pode-se dizer que a educação vive uma constante evolução de acordo com a sociedade em que estamos inseridos, desde termos como alfabetizar, alfabetização, analfabetismo até evoluirmos para letrado, letramento ouve-se uma grande revolução nos métodos e formas de se ensinar a leitura e escrita.

O letramento surgiu com a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. Ele evidencia a busca de um estado ou condição de quem sabe ler e escrever e desenvolver habilidades como interpretação, desenvolvendo relações de seu meio, do contexto social e cultural. Percebe-se que a alfabetização e letramento são bem diferentes Magda Soares em seu texto” Letramento e alfabetização: as muitas facetas” ela nos traz que:

“...no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento, por razões que tentarei identificar mais adiante, o que tem conduzido a um certo apagamento da alfabetização que, talvez com algum exagero, denomino desinvenção da alfabetização.” (SOARES, 2004, p.8).

Soares nos traz em seus textos que a alfabetização no Brasil nas últimas décadas é a maior culpada do atual fracasso na aprendizagem e, portanto, também no ensino da língua escrita nas escolas brasileiras, só com o surgimento da perspectiva psicogenética que alterou profundamente a concepção do processo de construção da representação da língua escrita, pela criança, que essa aprendizagem começou ser mudada, a interação da criança com a leitura e a escrita tornou-se um papel importante na evolução na aprendizagem da leitura e da escrita, e na construção do seu conhecimento.

Portanto, letramento, também é considerado uma ampliação progressiva do próprio conceito de alfabetização, podemos concluir assim que o letramento consiste em linhas gerais, na aprendizagem das crianças com a cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito.

3.2 Letramento na EJA

A EJA, tem como meta, auxiliar a aprendizagem de jovens e adultos que por diferentes motivos desistiram dos seus estudos e querem retomar, para possibilitar sua qualificação para conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho que está cada dia mais exigente e competitivo. O papel da leitura e da escrita é fundamental para a formação dos educandos uma vez que aumenta as possibilidades de inserção social. Porquanto os educandos desse meio já são letrados, pois mesmo que não frequentaram a escola, eles sabem conviver e se relacionar com as diferentes situações do dia-a-dia, e com os diversos contextos sociais. Segundo Moll, ele diz que esses adultos não são analfabetos e sim adultos em alfabetização, por estarem em constante contato com esses códigos:

Vivendo numa sociedade letrada, sobretudo nos espaços urbanos, caracterizada por um denso universo escrito e por possibilidades e necessidades de leituras variadas, pode-se dizer que analfabetos, no sentido do efeito discursivo e da acepção estrita dessa concepção, não existem. O que encontramos são sujeitos mergulhados em variadas situações de letramento, que, via de regra, não possuem escolaridade, mas que estão iniciados em processo de alfabetização. (MOLL, 2011, p. 9).

É necessário alfabetizar em uma perspectiva de letramento, trazendo os conhecimentos prévios desses jovens e adultos para que eles se sintam parte do processo de ensino aprendizagem, pois de fato eles são. Vivemos em uma sociedade letrada, estando em constante contato com a língua escrita, partindo dessa perspectiva não se deve ignorar os saberes que cada aluno leva consigo para a sala de aula, e a experiência de vida que ele tem, os alunos não são folhas em branco onde os professores irão inserir neles as primeiras impressões dos códigos escritos. É preciso que no processo de ensino aprendizagem o educador conheça a realidade de seus alunos, e que considere as experiências que seus alunos tenham.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à

reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (Freire, 1996, p. 17)

Portanto, o professor deve, certificar-se, de acordo com os conhecimentos prévios de seus alunos apresentando reflexões e abordando de acordo com os temas geradores, que são gerados mediante a discussão de suas experiências de vida entre si, através de palavras presentes na realidade deles. Para isso, é necessário que o professor faça uma construção de um ensino de leitura e escrita de acordo com a realidade em que o aluno está inserido, pode-se trabalhar dessa forma propondo aos alunos atividades voltadas à leitura e à escrita que façam sentido ao seu cotidiano, seu modo de pensar e sua vida.

Nesse contexto do letramento para a EJA é significativo trazer mais um pouco sobre aumento da identidade cultural do educando, termo que indica a atitude de assumir, segundo Paulo Freire:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão de outros. É a “auteridade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (Freire, 1996, p. 17)

Essa ação de assunção na EJA, é uma questão muito importante e que torna fundamental na construção da identidade cultural do educando, é uma discussão necessária para a prática educativa, e tem uma proporção gigante na caminhada e na construção da identidade histórica, social, cultural e política dos educandos na sociedade na sua formação democrática, garantindo as experiências e as representatividade. Portanto segundo Paulo Freire (1996, p. 21) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

O letramento no ambiente escolar, pode ser considerado como as práticas de leitura e escrita vivenciadas pelos alunos da EJA em sala de aula que partem de pressupostos teóricos e da realidade deles, mas que seja conteúdos, métodos e estratégias a serem agregados pelos professores, presentes nas leis da educação. considerando, assim, que a partir da escola, é que se forma o conjunto das relações com o mundo do saber, as formas de aprender e as práticas permitidas por este sistema.

Para Tfouni (2006), o letramento focaliza nos aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade, portanto segundo ele:

Em termos sociais mais amplos, o letramento é apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura. Ao mesmo tempo tendo uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio, e da sociedade industrial, como um todo. (Tfouni, 2006, p. 21).

A explicação está na forma como é esse letramento, e como estar em ser letrada a sociedade na qual esses indivíduos vivem. Portanto o desenvolvimento do letramento nos alunos só acrescenta, a mais na sua bagagem cultural, podendo até influenciar culturas e indivíduos que não dominam a escrita.

O papel do professor ao letrar seus educandos da EJA, é sempre estar atento e ter um olhar flexível para cada aluno com suas dificuldades e suas especificidades, é preciso saber também compreender a natureza dessas dificuldades, buscar um método para esses adultos iniciarem o processo de letramento. Além disso, é necessário usar de diferentes estratégias com estes alunos, para que eles consigam compreender o conteúdo, por exemplo pode-se usar o uso de materiais estimulantes e interessantes, os quais ele possa ver sentir, ouvir, manusear, etc. Sempre buscando ensiná-lo da maneira como ele entender melhor o conteúdo proposto, mesmo que seja por meio de uma conversa.

Paulo Freire nos traz vários métodos para ensinar e o que se exige cada um em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, mas dentre os contextos apresentados no livro ele enfatiza que não há docência sem discência, ensinar não é transferir conhecimento, e que ensinar é uma especificidade humana. Para conseguirmos alcançar uma educação de excelência é preciso alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativa-crítica ou progressista segundo Paulo Freire,

“O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais á prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios a organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso sobre tudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (Freire 1996, p. 12).

Nesse contexto percebemos que a prática pedagógica exige pesquisa, respeito e criticidade. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensinar, e que a partir de uma boa formação docente e que construímos possibilidades para uma ótima construção de conhecimento dos educandos.

Paulo Freire também ressalta e crítica a educação bancária que segundo ele seria um método tradicional de ensino e que segundo ele deforma a criatividade do educando no seu processo de aprender e conseqüentemente causando dificuldades no processo de aprender a ler e escrever, mas tudo isso precisa ser superado e recomeçar com novos métodos que são pautados por ele.

Certamente e sem dúvidas o melhor método para ensinar na Educação de Jovens e Adultos é criar diversas possibilidades que desencadeiem em uma aprendizagem significativa e construída no conhecimento, saber e realidade do educando. Freire elaborou o método de alfabetização de jovens e adultos, a partir do diálogo, principalmente, do diálogo entre educador e educando, um ouvindo e respeitando o outro.

O educador ensina não só o conteúdo pedagógico, mas também a prática crítica, dinâmica, dialética, pensar sobre o que se faz. Portanto podemos concluir que uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica citada por Freire é possibilitar aos docentes e aos discentes, condições para assumir-se como ser social, histórico, transformador e realizador de sonhos, tudo isso e muito mais, que vêm sendo retratado nas condições variadas que constitui o ser humano.

Cabe então ao professor um papel importante nesse processo, pois é o alfabetizador que toma decisões sobre o que, como e quando ensinar e cria situações para que esses alunos aprendam. Os alunos devem vivenciar situações de aprendizagem adequada a sua realidade e que não seja somente a decodificação do código escrito e não a orientação para o letramento. É possível alcançarmos essa meta, um esforço por parte do professor é fundamental, pois facilita ainda mais a qualidade de ensino, de metodologias e de políticas públicas que amparem a EJA na sua totalidade, para que esses educandos da EJA consiga o seu direito de ser alfabetizado e letrado em uma Educação de qualidade.

4. Gêneros textuais

Os gêneros textuais definem-se principalmente por sua função social. O gênero textual é identificado com base no objetivo, na função e no contexto do texto. São as características do texto que determinam a qual gênero ele pertence.

Os gêneros do discurso, em Bakhtin (2000), são formas históricas características de enunciados, e não tipos abstratos e formais de textos. O texto, oral ou escrito, é uma unidade que ocorre na realidade imediata analisável, não no domínio formal da língua.

Os gêneros variam de acordo com as particularidades e comunicação em relação à linguagem, à estrutura e ao conteúdo dos textos. Assim, os gêneros textuais exercem uma função social dentro de um processo de comunicação. O processo de comunicação está intimamente ligado à história da comunicação e da linguagem. Cada gênero textual apresenta especificidades que permitem identificar a sua classificação. Assim os gêneros textuais estão em permanente evolução. Portanto dependendo da necessidade de comunicação, novos gêneros podem surgir. A linguagem aparece nos textos de formas diversas, e para identificar o gênero de um texto, é preciso observar qual a linguagem predominante.

A perspectiva dos gêneros textuais é vista como uma qualificação do desempenho do aluno para o tornar um produtor e leitor proficiente nas diversas práticas discursivas do dia a dia, é preciso considerar um ensino que propicie uma efetiva interação do aluno com a linguagem oral e escrita, os gêneros textuais possibilita o desenvolvimento dessas competências de leitura e produção textual.

Meurer (2002, p.8) afirma que o gênero textual é um “tipo específico de texto de qualquer natureza, literário ou não, oral ou escrito, caracterizado e reconhecido por função e organização retórica, mais ou menos típica e pelo(s) contexto(s) no qual é utilizado”. O trabalho em sala de aula com os mais diversos textos que estão presentes no contexto cultural e social, possibilita que o aluno aprenda a se comunicar nas diferentes situações cotidianas do uso da linguagem.

Um fator que contribui para o surgimento de novos gêneros, é a tecnologia, pois ela está sempre presente nas atividades comunicativas do dia a dia. Marcuschi (2002, p.35) ressalta que, no ensino, pode-se trabalhar com gêneros para incentivar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos variados (tanto escrito como orais).

Para serem desenvolvidos de forma significativa e com resultados concretos na aprendizagem, os gêneros textuais, que auxiliam no aprimoramento da capacidade de leitura e produção textual dos alunos, eles têm que levar em consideração a realidade do aluno, o contexto de seu meio social, trazendo assim uma nova visão do ensino de Língua Portuguesa, para os alunos, despertando o interesse para o saber e também o levando a desenvolver uma visão crítica de diversos textos.

4.1 Gêneros textuais na EJA

Como auxílio nas aulas de Língua Portuguesa, há uma ferramenta adequada, a que faça o letramento por meio dos Gêneros Textuais, e que possa contribuir para que esse letramento possa ocorrer de fato na EJA. a escola, por meio do professor, deve, portanto, firmar um compromisso de formar leitores, de promover os diversos letramentos, por meio dos gêneros textuais e não se contentar em ter um aluno apenas alfabetizado, mas que o principal objetivo seja o aluno letrado, para que ele possa sair da escola preparado, para atuar nos mais diversos contextos da sociedade.

Portanto, o desafio dos cursos de EJA é bastante peculiar e requer uma atenção especial para a modificação de um patamar de experiências que muitas vezes soterraram sonhos e possibilidades. É preciso aqui ter um cuidado especial para recuperar histórias de vida e fazer o salto necessário à construção de um novo olhar para o mundo. Nestes, o papel da leitura é mais importante que o da instrução formal (VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda, 2012, p. 143).

É muito importante valorizar a história de vida, do aluno da EJA, valorizar os letramentos que ele já possui, assim o professor trabalhará no contexto da realidade do aluno, que então, estará motivado para viver novos conhecimentos e novas possibilidades, ampliando suas expectativas, resgatando sonhos e tendo um novo olhar sobre o mundo e sobre si mesmo.

Portanto logo percebemos que trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula da EJA, possibilita a compreensão de diversos contextos sociais. De acordo com Marcuschi (2008), o gênero textual engloba os níveis cultural, cognitivo, social, textual, de organização social e retórico, uma vez que representa a língua nas variadas formas de uso no dia a dia. Essa abrangência do conceito de gênero textual o torna inerente ao entendimento da língua. Assim, a natureza discursiva do gênero se constitui como instrumento para a ação comunicativa.

Outra ação comunicativa que possibilita um suporte atual e tecnológico para se trabalhar com os gêneros na sala de aula atualmente é a internet, que conforme Marcuschi (2008) é um suporte de gêneros, muitas vezes, não pode ser um recurso utilizado pelos alunos em sala de aula, pois apesar de ser um elemento tão presente na vida deles, ainda há muitos receios quanto à liberação desse uso em sala, pois falta orientação em relação à boa utilização desse meio. Contudo, é relevante destacar que a internet pode ser utilizada como um meio de promover a educação e está cada vez mais ganhando seu espaço se tornando uma ferramenta importante na sala de aula, inclusive para organizarmos nossas aulas, é reafirmar que a escola é algo à parte da sociedade. Dessa forma, percebe-se que:

No mundo das novas tecnologias há euforia e lamento, um jogo entre “tecnófilos” e “tecnófobos”. Ambas as posições são inadequadas, porque são acríticas. Não cabe curvar-se ao determinismo tecnológico que resulta em aceitação basbaque, porque nenhum determinismo é historicamente real. Nem cabe propalar repulsa obsessiva, porque, sendo o mundo das novas tecnologias naturalmente ambíguo, há, entre tantas dubiedades, também belas promessas. A internet é também um “lixão”, mas é igualmente um horizonte que pode abrir novas oportunidades de autoria e cidadania. Procura-se uma posição mais sensata entre os extremos, marcada pelo “olhar do educador” (DEMO, Pedro. “Tecnofilia” & “Tecnofobia”. Rio de Janeiro: 2009, p. 5).

Assim usar essa tecnologia a favor da aprendizagem com gêneros textuais é uma ferramenta que pode auxiliar bastante nas aulas de Língua Portuguesa principalmente na educação da EJA, pois a inserção das tecnologias no contexto de sala de aula proporcionará o uso da internet de forma consciente pelos jovens, e, para muitos adultos, será uma inclusão no mundo digital.

O foco principal é trabalhar a ferramenta dos gêneros textuais na EJA, para melhor compreensão apresento uma simples atividade pedagógica que desenvolve o letramento, no aluno a partir da sua realidade. Imagina-se em uma sala de EJA com pessoas que estão em um contexto social que partem de uma realidade que viveram grande parte da infância na fazenda, mulheres que trabalham no lar, cozinheiras, trabalhadores rurais. Então para desenvolver o letramento com leitura e escrita a partir da realidade desses educandos, e diferentes situações de comunicação oral e escrita, acolhendo e considerando as opiniões adversas, valorização da leitura e roda de conversa, proponho a escolha de um gênero textual, que envolva essa realidade.

Comece a aula com uma roda de conversa, perguntando a eles sobre temperos, comidas, se cozinham, o que sabem cozinhar, se sabem plantar. Promova discussões sobre o assunto, leia para os alunos ou faça uma leitura coletiva de um poema, poesia, crônica que seja voltado para o tema. Proponha para que os alunos escrevam uma receita da qual já conhecem ou fazem, e depois apresentam aos outros colegas para trazer interesse e motivação nas aulas, perceba o

envolvimento de seus alunos no decorrer das aulas e o auxilie sempre que possível. Para desenvolver uma prática pedagógica, propõe-se o trabalho por meio das sequências didáticas, por possibilitar que o aluno perceba todo o processo de construção para se chegar à sua formação final, a sequência didática segundo Marcuschi (2008) é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Assim a produção textual ocorre a partir de um contexto comunicativo real, o que aproxima o aluno do trabalho a ser desenvolvido.

É preciso ao longo do desenvolvimento das sequencias com gêneros textuais, explicitar para o aluno o porquê, o para quê do estudo da língua, como ocorrerá o processo de aprendizado, para assim ir desenvolvendo o letramento e sua autonomia, sempre apresentando novas possibilidades, incluindo o acesso a novas tecnologias, novos gêneros, e promover uma educação cidadã, voltada para além da escola, para que assim os educandos sejam ativos na sociedade e em vários contextos sociais.

5. Resultados e discussões

A EJA é fundamental para a ascensão social e Autonomia do educando, têm muitas questões que ainda precisam ser discutidas ao longo do processo da educação da EJA, trouxemos que para que os educandos tenham uma boa aprendizagem, é preciso haver diálogo entre professor/aluno, pois a troca de informações entre professor/aluno e dos alunos entre si seja algo importante para eles, é necessário que se ofereça uma aprendizagem que seja significativa aos alunos, isto é, que os alunos a utilizem fazendo conexões entre a prática e a realidade.

A EJA é uma modalidade do ensino fundamental e do ensino médio, que possibilita a oportunidade para muitas pessoas que não tiveram acesso ao conhecimento científico em idade própria dando oportunidade para jovens e adultos iniciar ou dar continuidade aos seus estudos, ela se torna importante na vida dos educandos, não pelo fato de lerem e escreverem, mas para compreender o seu papel na sociedade.

A Educação de Jovens e Adultos, popularmente conhecida como EJA, é uma modalidade de ensino ofertada aos alunos que não correspondem à idade e série. Esta modalidade pode ser oferecida para indivíduos que queiram realizar a complementação de seus estudos, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, podendo ser ofertada em escolas públicas ou privadas. Esta modalidade de ensino é destinada para maiores de quinze anos podendo prestar exames para a conclusão de Ensino Fundamental e maiores de dezoito anos podem prestar exames para a conclusão do Ensino Médio. (GUERRA, 2018, p.12).

O precursor da alfabetização de jovens e adultos no Brasil foi Paulo Freire que lutou contra a educação bancária e tinha por objetivo educação democrática que levasse em conta a vivência do aluno e sua realidade. Para Paulo Freire é necessário tornar o educando como sujeito de sua aprendizagem. Freire propunha uma ação educativa que não negasse sua cultura, mas que a fosse transformando através do diálogo, ele teve uma grande preocupação na aprendizagem do aluno como ser atuante em uma sociedade e que possui conhecimentos prévios e que deve ser considerado detentor de saberes que podem ser aprimorados. Freire elaborou a proposta de alfabetização de adultos que era conscientizadora, tendo como princípio básico a frase “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Percebe-se que os alunos da EJA, em especial os adultos, são na maioria das vezes, pessoas com uma faixa etária maior de idade e tem mais tendência a ter solidariedade ao ajudar aos professores e aos colegas. Muitos alunos já são pai ou mãe e precisam se ausentar da sala de aula, muitos alunos precisam cuidar de pais e da família, muitos trabalham o dia todo e

chegam na sala cansados. Há muitas especificidades que aparecem na sala de aula da EJA, e o professor deve respeitar e contribuir com cada uma delas. Cada aluno é diferente do outro na aprendizagem, na forma como aprende, mas diante estas diversidades eles estão amparados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos, no Parecer CNE/CEB 11/200 e Resolução CNE/CEB 1/2000:

Devem ser observadas na oferta e estrutura dos componentes curriculares dessa modalidade de ensino, estabelece que: - Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de jovens e adultos, 2000, p.23)

Cabe ao professor saber lidar com as diversidades de sua turma com sensibilidade respeitando os ritmos e o nível cognitivo de cada indivíduo. É dever do professor também trabalhar com métodos pedagógicos que apoiem e ensinam os educandos, os estimulando a avaliar constantemente seus progressos e o que falta a aprender, ajudando-o também a ser letrado e crítico.

Os gêneros textuais na EJA é a melhor das práticas educativas na sala de aula, muitos adultos retornam para os estudos justamente por essa necessidade em aprender a ler e escrever, o objetivo maior do professor deve ser por sua vez em letrar o educando, promovendo a integração social do aprendiz ao meio em que vive. Para ter sucesso e ótimos resultados se tratando de ensinar a ler e escrever, letrando, o professor deve buscar novas perspectivas pedagógicas e deve tentar fazer com que os educandos tenham Autonomia na sua aprendizagem.

Os educadores que se comprometem com a Educação de Jovens e Adultos, tem que possuir consciência da necessidade de buscar mecanismos, métodos e teorias que estimulem o público alvo a não abandonar a sala de aula, ou seja, o professor é o estimulador, o mediador de seus alunos. Esses educadores devem ser comprometidos com a aprendizagem dessas pessoas, adequando métodos incessantemente cada vez mais relacionados à realidade do público que estão trabalhando, inserindo no currículo a realidade do aluno. (GUERRA, 2018, p.18).

O letramento assume assim, um papel determinante na educação das pessoas, principalmente na EJA, uma vez que esses sujeitos aprendizes já vêm com uma bagagem de saberes. Conhecer os mecanismos, estratégias que levam os alunos ao letramento é necessário para o professor que realmente se preocupa em estar conectado com as inovações presentes no estudo da linguagem.

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Na escola, onde se predomina uma concepção da leitura e da escrita como competências, concebe-se a atividade de ler e de escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal: a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. (KLEIMAM, 2008, p.02).

O letramento está diretamente ligado com uma educação significativa, ele está entre os melhores métodos de ensino, tornar um educando letrado é muito importante para a evolução do processo de educação do nosso país. O letramento é introduzir-se nessa diversidade de práticas de leitura e escrita, é a capacidade do aluno utilizar a leitura e a escrita para resolver problemas do cotidiano. Esse processo pode ser demorado, pois necessita de constância e persistência e do desenvolvimento de cada aluno, mas quando instruído o aluno passa a utilizar a leitura e a escrita em seu benefício para facilitar suas práticas sociais.

A escola representada pelos professores deve ensinar aos alunos a ler e escrever mais também ajudar eles a compreender a utilidade e a importância dos textos abordados no seu cotidiano, os gêneros textuais, e suas funções sociais dos textos lidos. São exemplos de letramento na Educação de Jovens e Adultos, quando o aluno utiliza o código escrito para deixar um recado, escrever uma carta, fazer uma lista, marcar uma data no calendário, ler uma receita de bolo, controlar o orçamento doméstico, ler trechos da Bíblia, ler para distrair, todos esses exemplos tem uma função social ao utilizá-los o aluno é considerado além de alfabetizado também letrado.

Logo, conclui-se com embasamento teórico que a alfabetização e o letramento são processos distintos, porém possam e devam caminhar simultaneamente. Não se pode dissociar Alfabetização e Letramento, pois uma complementa a outra.

Assim, teríamos de alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 2009, p. 47)

Diante dos resultados concluímos que o papel do professor de Língua Portuguesa na EJA é ter um olhar flexível para cada aluno com suas dificuldades, saber suas especificidades e sua realidade, é compreender a natureza dessas dificuldades, buscar como ferramenta os gêneros textuais para esses adultos iniciarem o processo de alfabetização, sempre incentivando a leitura, a discussão, o olhar crítico, contribuindo assim no processo de letramento desse aluno.

É necessário que os professores sejam capacitados e tenham formação continuada para trabalhar com esses adultos, já que requerem muita calma e paciência, pois eles serão mais lentos que os demais no desenvolvimento das atividades, necessitando de mais tempo para ele resolver as atividades solicitadas pelo professor.

Além da capacitação profissional e formação continuada é preciso que professores também use de diferentes estratégias com estes alunos, para que eles consigam compreender o conteúdo: o uso de materiais estimulantes e interessantes, os quais ele possa ver sentir, ouvir, manusear, falar, etc. Como por exemplo temos debates, roda de conversa, jogos, cartazes, filmes, livros de leitura, levando em consideração o gosto desses estudantes etc., buscando ensiná-lo da maneira como ele entender melhor o conteúdo proposto, mesmo que seja por meio de uma conversa.

Portando, podemos afirmar que as condições para que a leitura e a escrita se efetivem e consequentemente o letramento, é preciso que tenha atividades voltadas para os gêneros textuais, para assim ter uma escolarização real e efetiva dos educandos e a disponibilidade de materiais diversificados de leitura, e escrita, objetivando que eles, tenham maior facilidade de se inserirem à realidade em quem vive, mas também a outros contextos e ao seu meio social, que também são fundamentais para a ampliação da competência comunicativa do ser em sua formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo bibliográfico abrangente sobre o uso dos gêneros textuais como ferramenta para o letramento na EJA, que possibilitou a reflexão da educação atual e o que precisa ser mudado e aprimorado nas práticas pedagógicas, para garantir uma educação de qualidade na EJA formando educandos letrados e autônomos.

Essa pesquisa apontou os estudos da EJA, desde o seu surgimento, quando os jesuítas vieram catequizar os índios na época do descobrimento do Brasil até ter novos direcionamentos, quando esse período da catequização acabou. Essa pesquisa também trouxe abordagens nos campos de alfabetização, letramento, Analfabetismo Funcional, Autonomia o qual é amplo e possui diversos conceitos a ser tratados dentro do termo de leitura e escrita. Foi apresentado o conceito de cada termo e a sua função dentro desse contexto educacional, portanto sabemos que alfabetização está relacionada ao domínio da leitura e da escrita, produzindo o letramento ocorre por meio das práticas sociais.

Diante dessas abordagens foi ressaltado uma prática pedagógica adequada, o uso dos gêneros textuais, para esse ensino, e também é muito importante dar valor ao conhecimento prévio do educando, aperfeiçoar a partir do que ele já sabe, o letramento da mesma forma foi ressaltado sua importância pois os educandos precisam ser formados seres críticos, argumentativos e relacionando em seu convívio em sociedade.

Assim, a pesquisa bibliográfica foi realizada com estudos em livros e artigos científicos, e dados de portais do Governo Federal, também de renomados autores que falam sobre esse tema, como o precursor da Educação de Jovens e Adultos, Paulo Freire, autores como Soares, Lerner, Marcuschi, dentre outros. Segundo os estudos foi constatado que os gêneros textuais auxiliam muito bem, no auxílio da aprendizagem significativa, pois se desenvolve na leitura, escrita e letramento.

Portanto, concluí se que este trabalho contribuiu para a percepção de uma nova prática educacional com seus educandos dentro da sala de aula, ressaltando a importância de tornar os educandos alfabetizados e letrados a partir da ferramenta dos gêneros textuais. Por fim, faz se necessário trabalhar uma formação continuada com os professores da EJA, para que estes consigam mobilizar diversas estratégias, que valorizem seus conhecimentos prévios e reconhecem que demanda tempo para se tornarem autônomos e deixarem de ser analfabetos funcionais para se tornarem cidadãos letrados e presentes no seu contexto socio cultural.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (Estratégias de ensino, 8).

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos. Resolução CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: 10 outubro de 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes. Acesso em: 10 outubro de 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação. Educação para jovens e adultos. Ensino Fundamental** (proposta curricular – 1º segmento. São Paulo/Brasília, 2001).

BRUINI, Eliane de Costa. **Aprendizagem Significativa**. 2018. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/aprendizagem-significativa.htm>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

COGO, Taisson Pedroso.; CARDOSO, Josete Bitencourt.; BRANCHER, Vantoir Roberto. **Formação permanente do professorado: novas tendências Permanent professorial training: New Trends**. Jaguari. Revista Insignare Scientia, Vol. 2, n. 2. Mai./Ago. 2019.

DEMO, Pedro. **“Tecnofilia” & “Tecnofobia”**. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 35, n.1, jan./abr. 2009.

DORNELES, Darlan Machado. **A LEITURA E ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758.

FERNANDES, Elisângela. **David Ausubel e a aprendizagem significativa**. 01 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/262/david-ausubel-e-a-aprendizagem-significativa>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativo**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FRIEDRICH, Márcia.; BENITE, Anna M. Canavarro.; BENITE, Claudio R. Machado e PEREIRA, Viviane Soares. **Trajatória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010.

GUERRA, Rubiane. **Mídias digitais nas aulas de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) – uma experiência com Blog.** Porto Alegre, 2018.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências.** São Paulo: Cortez, 2009.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. 3ª ed. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987-88.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KLEIMAN, A.; SEPULVEDA, C. **Oficina de Gramática: metalinguagem para principiantes.** (anos finais do Ensino Fundamental Regular Língua Portuguesa). Campinas, SP: Pontes Editora, 2014.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário.** Porto Alegre. Artmed. 2002.

LONGARAY, Alessandra Rosalia Cesar. **“SORA, É PARA ESCREVER DO JEITO QUE SABE, NÉ?” propostas pedagógicas de leitura e escrita.** Porto Alegre, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino.** 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTINS, G.A. & PINTO, R.L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos.** São Paulo: Atlas, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização de adultos: desafios à razão e ao encantamento**. In: MOLL, Jaqueline (Org.). Educação de jovens e adultos. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. Cap. 1. p. 7-16.

OLIVEIRA, I. B. de; PAIVA, J. **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. **O Ensino da Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2014.

RAMOS, Kátia Oliveira. **ANALFABETISMO FUNCIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECAD, Brasília, Distrito Federal, Julho/2010.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Alfabetismo funcional: Referências conceituais e metodológicas para a pesquisa**. Educação & Sociedade, ano XVIII, nº 60, dezembro/1997.

SANTOS, Tânia Andrade Oliveira. **O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA: UMA PROPOSTA PARA UM PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVO**. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade ISSN 1982-3657- EDUCON. Campus UFS – Laranjeiras – Sergipe – Brasil. 2010.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem para Educação de Jovens e Adultos - EJA** / São Paulo: SME / DOT, 2008.

SILVA, Lucimar de Cássia Fonseca. SILVA, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues. **O Ensino da Língua Portuguesa na Educação de Jovens Adultos da Apae: Um olhar nas práticas pedagógicas**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 12, Vol. 09, pp. 24-35. Dezembro de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/ensino-da-lingua>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas***. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Jan /Fev /Mar /Abr, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros** / Magda Soares. - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUZA, Gilliane Bento de. **LEITURA E ESCRITA NA EJA: POR UM LETRAMENTO QUE “NOS AJUDE A APRENDER MAIS DO QUE A GENTE JÁ SABE”**. Guarabira, Paraíba, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 47).

UNESCO. **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática**. Brasília: UNESCO, 2008.

VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.